



O novo projeto editorial da Folha de S.Paulo: os mitos da objetividade e da pluralidade de sentidos

Carolina Moura Klautau¹

Resumo:

Este artigo busca um olhar sobre o novo projeto editorial da Folha de S.Paulo, lançado em 30 de março de 2017. Dos vários pontos que aparecem no documento, nos interessa, particularmente, abordar a objetividade (questão que sempre esteve na base das discussões sobre o jornalismo) e a pluralidade de vozes (que ganha força após a Primeira Guerra Mundial com o “surgimento” do jornalismo interpretativo) como mitos, na perspectiva de Roland Barthes em *Mitologias* (2003). Seleccionamos três matérias publicadas no site da Folha sobre rebeliões em presídios no nordeste do país para entender como a objetividade é praticada e para investigar se a Folha é um jornal que dá voz aos vários personagens envolvidos no fato. Concluímos que a objetividade é confundida com mero relato e que as principais fontes continuam sendo as oficiais. Objetividade e pluralidade, portanto, são dois mitos dentro do novo projeto editorial da Folha.

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo. Projeto editorial da Folha de S. Paulo. Mito.

Uma breve história

No centro de São Paulo, mais especificamente em um prédio à rua São Bento, nasce a “Folha da Noite” em 19 de fevereiro de 1921². A publicação cuja redação, no início, cabia dentro de uma sala, iria se tornar um dos maiores jornais do Brasil: a Folha de S.Paulo. Antes de passar a ter uma edição diária, o que ocorreu no início dos anos

¹ Mestranda em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. Especialista em Comunicação Organizacional e Relações Públicas pela mesma instituição. Formada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

² Todas as informações sobre a história da Folha de S.Paulo que apresentamos neste artigo estão disponíveis em um especial que o jornal produziu em comemoração aos seus 80 anos. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fofha/80anos/cronologia.shtml>>. Acesso: 10 jul. 2017.

1960, o jornal seria composto de três publicações: “Folha da Noite”, “Folha da Manhã” e a “Folha da Tarde”.

A Folha nasce numa época em que apenas uma tiragem de jornal não dava conta de narrar os acontecimentos diários. Na metade dos anos 1940, por exemplo, as notícias externas e internas chegam em grande volume e têm grau profundo de complexidade: soldados brasileiros são enviados à Itália para lutar durante a Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas deixa a presidência do Brasil, a bomba atômica enviada pelos Estados Unidos atinge e arrasa Hiroshima e Nagasaki... A presença do jornalista é necessária para trazer os acontecimentos ao conhecimento do público e, mais do que isso, fazer com que os leitores entendam as implicações dos fatos. O jornalismo se configura como uma importante narrativa da contemporaneidade (MEDINA, 2003).

A necessidade da presença do jornalista, que só cresce desde os anos 1940, faz com que durante a década de 1980, a Folha lance cinco projetos editoriais (1981, 1984, 1985, 1986, 1988)³. O texto que estava em vigor até a redação do projeto editorial de 2017, completou 20 anos: data de 1997. Ao longo do tempo, os documentos reforçavam questões (pluralidade, jornalismo crítico e apartidário, por exemplo) e incorporavam outras (geralmente aspectos relacionados à tecnologia e técnica). E segundo consta nos próprios editoriais, cada texto é uma atualização do seu antecessor (FOLHA DE S. PAULO, 2017).

No primeiro projeto, que era dedicado aos funcionários da Folha, “A Folha e alguns passos que é preciso dar” o jornal quer entregar aos seus leitores “informação correta, interpretação competente sobre essa informação e pluralidade de opiniões sobre os fatos” (FOLHA DE S. PAULO, 1981)⁴. O editorial reforça também o argumento de que a Folha é um jornal apartidário e independente. No texto, é interessante observar a questão da neutralidade do jornalista: a Folha admite que não é possível alcançar a neutralidade de forma integral e pede descrições mais neutras e objetivas do fato: “a neutralidade é uma quimera, mas aproximar-se da neutralidade não é” (FOLHA DE S. PAULO, 1981).

³ Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/institucional/linha_editorial.shtml >. Acesso: 10 jul. 2017.

⁴ Disponível em: < <http://temas.folha.uol.com.br/projeto-editorial-da-folha/projetos-editoriais-antecedentes/1981-a-folha-e-alguns-passos-que-e-preciso-dar.shtml> >. Acesso: 12 jul. 2017.

O segundo documento “A Folha depois da campanha diretas-já⁵” (1984) tem um tom político mais aguçado que o anterior. Isso porque o Brasil acabara de viver a campanha diretas-já, que pedia a eleição direta para o cargo de presidente da república. Crítico, pluralista e moderno são alguns dos novos adjetivos incorporados pelo jornal. No que diz respeito à pluralidade, a Folha acredita que as reportagens precisam mostrar os vários pontos de vista dos personagens envolvidos no fato, apresentar tendências opostas e incluir em suas matérias as divergências, que fazem parte de uma sociedade essencialmente plural. Um ponto frágil de sua atividade jornalística, nessa época, é a informação. Informar mais e melhor, com textos mais objetivos, exatos, corretos e claros é a saída para esse problema (FOLHA DE S. PAULO, 1984).

O terceiro projeto editorial “Novos rumos”⁶ data de 1985 depois da redemocratização. Prestação de serviço e textos mais didáticos são as duas apostas do jornal para informar mais (ênfase na quantidade) a sociedade brasileira. A pluralidade tem lugar especial no texto, quando a Folha considera que “promove o espírito pluralista – na pauta, na reportagem, na edição” (FOLHA DE S. PAULO, 1985). É neste editorial que a Folha admite o jornalismo como uma atividade industrial e não mais artesanal – o que é corroborado e desenvolvido por vários autores brasileiros, como Cremilda Medina (1973; 1988) e Luiz Beltrão (1980).

Em outro momento de “Novos rumos”, a Folha propõe que seus jornalistas se afastem, sempre que possível, das notícias baseadas apenas em declarações oficiais e outras fontes. Eles querem “menos declarações e mais fatos comprovados; menos listas de impressões e mais levantamentos – apoiados em dados e estatísticas sempre que possível” (FOLHA DE S. PAULO, 1985).

“A Folha em busca da excelência”⁷ (1986) é o quarto projeto editorial e se configura como uma atualização do texto anterior. Uma questão interessante de pontuar é a preocupação com o furo de reportagem: é a primeira vez que ele aparece nos editoriais.

⁵ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1984.shtml> >. Acesso: 12 jul. 2017.

⁶ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1985.shtml> >. Acesso: 12 jul. 2017.

⁷ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1986.shtml> >. Acesso: 12 jul. 2017.

A importância de ser o primeiro a dar a notícia é sintoma de que a Folha começava a enfrentar concorrência direta de outros jornais, outros meios e veículos de comunicação.

“A hora das reformas”⁸ (1988) dá espaço notável à competitividade. A preocupação é com o surgimento de outros jornais que vinham ganhando prestígio na sociedade, mas, sobretudo, com a popularização da televisão. A TV, segundo o editorial, muda a maneira como o jornal precisa abordar os acontecimentos do cotidiano. A aposta é de que enquanto a TV faz descrições dos fatos, o jornal impresso pode adentrar nas profundezas e pluralidade dos acontecimentos⁹.

“Caos da informação exige jornalismo mais seletivo, qualificado e didático”¹⁰ (1997) foi o penúltimo projeto editorial da Folha e seu título continua extremamente atual – assim como o caos na informação, e de sentidos, que tendem a se agravar com a quantidade de notícias que chegam até o indivíduo do século XXI (KLAUTAU; VICTOR; KÜNSCH; CARRARO, 2017). O texto fala a respeito das mudanças nas empresas de comunicação, na economia, na relação das pessoas com a imprensa, sobre a chegada da internet, o futuro do jornal, o papel da mídia na sociedade...

A Folha também aborda o direito à não-informação por conta de um “excesso inassimilável de dados, de uma verdadeira cacofonia da comunicação” (FOLHA DE S. PAULO, 1997). A não-informação também está relacionada à disputa do tempo do consumidor por jornais, rádios, TVs abertas, por assinatura e sites. A concorrência nunca foi tão acirrada. Sobre o jornalismo impresso, a Folha assume que é provável que o su-

⁸ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1988.shtml> >. Acesso: 12 jul. 2017.

⁹ Essa saída que a Folha encontrou para competir com a TV e com outros meios e veículos de informação não é novidade. Na Primeira Guerra Mundial, o jornalismo precisou se reinventar por conta de uma grave crise pela qual passou: nos Estados Unidos, leitores de jornais nunca antes na história tinham acesso a tanta informação. Apesar disso, foram pegos de surpresa quando o conflito armado começou. A sensação era de que, em meio a tanta notícia, estavam perdidos diante do que acontecia no seu próprio país e no mundo. A “saída” para a situação foi priorizar a qualidade e não a quantidade de informações, por meio de reportagens em profundidade, com interpretação dos fatos e humanização dos acontecimentos. Nascia aí, o jornalismo interpretativo (LEANDRO; MEDINA, 1973). Em vários momentos quando o jornalismo se vê atravessando uma crise, o jornalismo interpretativo volta à ordem do dia como um caminho possível. Podemos observar essa questão quando a internet se popularizou no Brasil e o jornalismo interpretativo foi apontado como possibilidade de resistência do suporte impresso diante do crescimento, sem volta, dos meios digitais (LIMA, 2002) e, atualmente, quando ainda sentimos que a quantidade de informação de que dispomos, não é capaz de nos situar diante da complexidade do mundo (KLAUTAU; VICTOR; KÜNSCH; CARRARO, 2017).

¹⁰ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1997.shtml> >. Acesso em: 12 jul. 2017.

porte decaia com o passar dos anos; o que não vai deixar de existir é a função do jornal como um compilado dos acontecimentos que ocorreram na véspera de sua publicação. “Seria o caso de perguntar se a Internet vai substituir a rotativa, não o jornal” (FOLHA DE S.PAULO, 1997).

Nesse contexto, há a prioridade pela qualidade e não pela quantidade de informações, pois a Folha sugere que a gama de assuntos cobertos pelo jornal diminua e, assim, as reportagens consigam ser mais profundas e complexas. Vale a reprodução de uma crítica que o próprio jornal faz da imprensa em 1997 e que encontra ecos até hoje:

O mal estar que cerca a imprensa passou a se traduzir em três acusações predominantes: ela seria superficial, invasiva e pessimista. Em vez de se voltar para o esclarecimento de processos complexos e contraditórios a imprensa opta – de acordo com a primeira crítica – por pinçar seus fragmentos mais estridentes, praticando simplificações que só aparentemente refletem uma disposição crítica, na verdade conivente com as estruturas que finge ignorar. Para o segundo tipo de acusação, no afã de obter revelações chocantes a imprensa atropela quaisquer limites, sobrepondo um suposto interesse público, cuja extensão ela mesma estabelece, aos direitos individuais de privacidade e reputação. Tangida pela competição à busca do “furo pelo furo”, permeada por uma atmosfera de descrença reinante nas redações, a imprensa adota uma linha destrutiva – daí o seu alegado pessimismo (FOLHA DE S. PAULO, 1997, n.p.).

Enfim, chegamos ao texto de 2017. “Sua excelência, o consumidor de notícias” (2017)¹¹ finca suas bases no jornalismo profissional para combater as notícias falsas e no diálogo pluralista para fazer contraponto à intolerância presente nas redes sociais (FOLHA DE S.PAULO, 2017). O texto retoma a ideia do jornalismo crítico, apartidário e pluralista, presente desde os primeiros editoriais e, pela primeira vez, apresenta uma lista com 12 princípios que resumem os compromissos da Folha para com seus leitores.

¹¹ Disponível em: < <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2017/03/30/2/> >. Acesso em: 12 jul. 2017.

Imagem 1: Os 12 princípios editoriais da Folha



Fonte: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2017/03/30/2/>.

O jornalismo profissional “segue regras técnicas e padrões de conduta que garantem relatos fidedignos de fatos relevantes” (FOLHA DE S. PAULO, 2017). O editorial afirma novamente que a objetividade plena não é possível, mas que seus jornalistas “tornam as descrições dos eventos tão exatas quanto possível” (FOLHA DE S. PAULO, 2017) e que os editores vão estabelecer uma hierarquia noticiosa, para que o leitor tome conhecimento daquilo que aconteceu de mais importante durante o dia.

Outro ponto que o editorial revisita é a necessidade de cobrir menos assuntos, para abordá-los de “modo mais inteiriço e interpretativo” (FOLHA DE S. PAULO, 2017). A interpretação, novamente, aparece como uma atitude fundamental para a atividade jornalística: “o conteúdo noticioso que resultar dessa pauta seletiva e propositiva deve ir além do meramente factual, incorporando uma dimensão interpretativa que, sem distorcer a realidade, estabeleça relações entre os acontecimentos” (FOLHA DE S. PAULO, 2017).

No que diz respeito à pluralidade, a Folha reafirma a necessidade de apresentar os vários lados de uma mesma história, buscar diversidade de opiniões e não cair “num maniqueísmo tosco” (FOLHA DE S. PAULO, 2017).

Mesmo que os projetos editoriais da Folha de S.Paulo sejam atualizações de um mesmo texto da década de 80, é possível perceber a mudança que o jornalismo tem sofrido ao longo dos anos, por meio desses documentos. O que antes era artesanato, hoje em dia é “uma atividade industrial que reivindica método, planejamento, organização e controle” (FOLHA DE S.PAULO, 1985) e que é uma parte muito importante da sociedade moderna. Ou, como propõe Pierre Bourdieu (1997), um campo social na cultura contemporânea.

O campo social do jornalismo

A importância que o jornalismo tem na contemporaneidade contribui para que ele se constitua como um campo social. Estes são espaços de disputa de forças, de lutas para transformar ou conservar a maneira como um campo é constituído. Nele, estão disputas de dominantes e dominados e relações de desigualdade. Cada componente do campo empenha sua força - dependendo da posição que ocupa - e suas estratégias (BOURDIEU, 1997).

Se o jornalismo se constitui como um campo na cultura contemporânea, isso se deve ao fato de que ele detém monopólio sobre os instrumentos de produção e difusão da informação em larga escala. Por consequência, possui poder também sobre a participação de cidadãos, cientistas e artistas no “espaço público” da grande difusão (BOURDIEU, 1997). É por meio dos meios de comunicação que mesmo aqueles que são dominados nos campos de produção, como o cidadão comum, encontram oportunidades de se posicionar publicamente, de ser conhecido. Apenas quem tem acesso à visibilidade pública, pode impor à sociedade sua visão de mundo e ponto de vista.

Um exemplo que Bourdieu apresenta em *Sobre a Televisão* (1997) sobre disputas no campo jornalístico é a concorrência entre empresas de comunicação pelas fatias do mercado, que se configura como “concorrência entre os jornalistas, concorrência que tem seus desafios próprios, específicos, o *furo*, a informação exclusiva, a reputação na profissão etc.” (BOURDIEU, 1997, p. 58).

A questão é que para alcançar essa fatia de mercado, o jornalismo acaba por ser um simplificador dos fatos. Bourdieu chama essa situação de “perda de asperezas” (BOURDIEU, 1997, p. 63). O jornalista não deve chocar, levantar problemas e deve construir as notícias de acordo com o público para o qual está falando. E essa seleção dos assuntos que entram na pauta do dia, na conversa dos cidadãos, faz Bourdieu considerar que:

Todos os campos de produção cultural estão sujeitos às limitações estruturais do campo jornalístico, e não deste ou daquele jornalista, deste ou daquele diretor de emissora, eles próprios vencidos pelas forças do campo. E essas limitações exercem efeitos sistemáticos muito equivalentes em todos os campos. O campo jornalístico age, enquanto campo, sobre os outros campos (BOURDIEU, 1997, p. 80-81).

Sendo assim, por trás do discurso da objetividade e da pluralidade, que são colocadas pelos veículos de comunicação quase como um argumento de honestidade diante do leitor (LIMA, 2002), estão posicionamentos e necessidades camufladas, no sentido de que estando isentos de interpretações os jornalistas correm menos riscos de desagradar leitores e anunciantes. No jornalismo, objetividade e pluralidade são míticas.

O mito da objetividade e da pluralidade

Vários são os autores que têm se debruçado sobre o estudo dos mitos. Seja na abordagem das narrativas míticas, do mito como forma de conhecimento, da mitologia de determinada sociedade, o mito está presente com muita força na sociedade burguesa capitalista (BARTHES, 2003). Karen Armstrong (2005), Roland Barthes (2003), Joseph Campbell (2007) e Mircea Eliade (1992; 2012) são algumas das grandes referências de estudo dos mitos na contemporaneidade. Mas, nesta pesquisa, nos interessa, em especial, a perspectiva de Roland Barthes (2003). Nele, vamos encontrar fundamentos para interpretar a objetividade e a pluralidade como mitos no jornalismo e no novo projeto editorial da Folha. Antes entrar no universo mitológico, uma consideração é necessária:

mito não é sinônimo de mentira - apesar de frequentemente a mídia tratar o assunto dessa forma (LAGE NETO, 2010)¹².

A concepção de mito em Barthes (2003) está fincada na semiologia¹³ e entende a mitologia como construída por processos comunicacionais extremamente racionais e constituídos por signos. Mito e linguagem estão diretamente relacionados: “o mito é uma fala” (BARTHES, 2003, p. 199).

Mitologias (2003) surge de uma “impaciência frente ao ‘natural’ com que a imprensa, a arte e o senso comum mascaram continuamente uma realidade” (BARTHES, 2003, p. 11). E é justamente essa uma das principais características do mito: a naturalização de algo.

A naturalização não surge de maneira orgânica: é uma fala determinada por um contexto histórico. O mito é uma mensagem, um modo de significação, uma forma. Aquilo que o mito se apropria não tem conceito rígido, pelo contrário: o significado pode ser alterado, desfeito, desaparecer e ser suprimido pela história. Por depender de um contexto, “é um saber confuso, constituído por associações frágeis, ilimitadas. É preciso insistir sobre esse caráter aberto do conceito” (BARTHES, 2003, p. 210).

Quando Barthes relaciona naturalizar, apropriar, deformar, roubar e restituir sentidos, inocentar e constatar algo como características do mito, pensamos que essas questões estão relacionadas à maneira como a objetividade e a pluralidade são tratadas no projeto editorial da Folha.

Muitas vezes, a objetividade é relacionada à prática de um jornalismo que não interpreta, adjetiva, confira juízos de valor e opinião aos fatos (LIMA, 2002). Ou ainda: “diz-se que tem objetividade o discurso em que se expressam as características próprias do objeto – e não as do autor do relato (o sujeito)” (BUCCI, 2000 *apud* LIMA, 2002, p. 18).

¹² Para saber mais a respeito de como a mídia aborda os mitos, ver *Mito e comunicação: a importância da mitologia e sua presença na mídia* (2010) de Gabriel Lage Neto.

¹³ “A semiologia é uma ciência das formas, visto que estuda as significações, independentemente do seu conteúdo” (BARTHES, 2003, p. 202). A origem da semiologia está ligada à Ferdinand de Saussure no início do século XX. É uma “ciência dos signos” (BARTHES, 2003, p. 201). A semiologia estabelece uma relação entre três termos: o significante, o significado e o signo – que associa os dois primeiros, que estão relacionados por uma ordem de equivalência e não de igualdade.

Uma visão mais crítica da objetividade, e com a qual trabalhamos nesta pesquisa, é de que exigir a objetividade aos jornalistas, é conveniente aos veículos de comunicação que apresentam uma visão de mundo desinteressada e que buscam não descontentar leitores e anunciantes que possam ter opiniões contrárias sobre determinado assunto abordado. Os repórteres acatam essa linha editorial porque, assim, estão correndo menos riscos de responsabilidades éticas e jurídicas (LIMA, 2002). Afastar-se, cada vez mais, de interpretações sobre os fatos para não perder sua fatia de mercado, é algo que Bourdieu (1997) apontava como conduta trivial dos veículos de comunicação.

Dessa forma, entendemos a objetividade como mito porque esta é posta como algo natural e que inocenta o jornal de interpretações mais complexas da realidade. O mito da objetividade mascara a verdadeira intenção do jornalismo, que é eximir-se de problemas com seus anunciantes ou perder leitores por conta de um ponto de vista adotado. Aqui, existe um alibi para não entrar na profundidade que os acontecimentos do cotidiano exigem.

É muito interessante que a Folha admita que atingir integralmente a objetividade é uma tarefa quase impossível já em seu primeiro projeto editorial (FOLHA DE S. PAULO, 1981). Mas no próximo texto, de 1984, indica que precisa realizar um jornalismo mais objetivo. No documento deste ano, a objetividade descritiva é tida como inalcançável novamente (FOLHA DE S. PAULO, 2017).

Enquanto o jornal parece não chegar a um consenso sobre a possibilidade da objetividade, o exercício da pluralidade esteve presente em todos os textos dos projetos editoriais e da mesma forma. A Folha considera que pluralidade¹⁴ é mostrar os lados da história, a variedade de opiniões que existem dentro da sociedade, estimular a polêmica e dar espaço à outras fontes que não sejam as oficiais (FOLHA DE S. PAULO, 1981; 1984; 1985; 1986). No atual editorial, o “diálogo pluralista faz contraponto à intolerância que assola as redes sociais, acentuada pela recente onda internacional de populismo nacionalista ultraconservador” (FOLHA DE S. PAULO, 2017).

No momento em que a Folha tem um discurso de mais de 30 anos sobre ser um jornal plural, mas nas reportagens fica presa às fontes oficiais - como veremos em se-

¹⁴ Sobre a importância, cada vez maior, da pluralidade no jornalismo ver nota de número 8 que fala sobre o surgimento do jornalismo interpretativo.

guida – a pluralidade pode ser entendida como um mito. Ela naturaliza as suas fontes, que, normalmente, estão ligadas ao poder público. A lógica é a mesma da objetividade: ficar nas fontes oficiais, para não contrariar leitores e anunciantes – isso porque, geralmente, não é possível escapar das fontes oficiais. A Folha, apesar de reforçar em seus editoriais que só ouvir pessoas ligadas à prefeitura, governo, presidência etc, faz parte de um jornalismo fácil (FOLHA DE S.PAULO, 1985), ainda não conseguiu fugir dessa condição.

Objetividade e pluralidade de sentidos?

Para entendermos esses mitos na prática, escolhemos três matérias sobre as grandes rebeliões que ocorreram no início de 2017 em vários estados do nordeste do Brasil. Como nosso objeto é o novo projeto editorial da Folha de S. Paulo, selecionamos matérias publicadas depois de 30 de março deste ano, quando o documento foi lançado.

No início, nosso objetivo era buscar uma série de reportagens na versão impressa do jornal. Mas por conta de o jornalismo impresso enfrentar problemas que, teoricamente, o digital não precisa se preocupar – principalmente no que diz respeito ao tamanho das matérias (LIMA, 2002) – escolhemos textos do site da Folha. Mesmo que as rebeliões tenham acontecido em janeiro em 2017, o jornal continuou com uma série de reportagens sobre o assunto. Escolhemos as três matérias mais recentes, que datam de 22 de maio, 03 e 05 de junho¹⁵. O especial tem como título “Massacre em presídios”¹⁶ e está disponível na editoria “Cotidiano” no site da Folha.

A primeira matéria, “Complexo de Pedrinhas, no MA, tem fuga e morte de detentos no domingo”¹⁷ não leva assinatura de nenhum repórter e foi escrita da redação da Folha em São Paulo. São duas as fontes do jornal sobre a rebelião: a Secretara de Estado de Administração Penitenciária (Seap) e o governo do Maranhão. A matéria é ilustrada por uma foto da rebelião atual (que é reprodução do portal de notícias da Globo, o G1),

¹⁵ Estas não são as matérias mais novas da série de reportagens. Mas são os textos mais recentes a abordar, especificamente, a ocorrência das rebeliões. Outras matérias, por exemplo, falavam sobre as investigações sobre a fuga de presos, explicações do poder público para as rebeliões etc.

¹⁶ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2017/massacre-em-manaus/> >. Acesso em: 05 jul. 2017.

¹⁷ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1886231-complexo-de-pedrinhas-no-ma-tem-fuga-e-morte-de-detentos-no-domingo.shtml> >. Acesso em: 05 jul. 2017.

uma foto de 2014 quando da outra fuga de presos em Pedrinhas e um infográfico com a localização do presídio em relação à capital do Maranhão, São Luis. É possível dizer que a matéria dá mais espaço a um “histórico” de Pedrinhas (rebeliões anteriores e sua reputação como uma das piores penitenciárias do país) do que falar do fato em si. E quando fala, brevemente, da rebelião temos mais uma descrição do ocorrido.

A segunda matéria foi publicada no dia 03 de junho de 2017, “Rebelião deixa 7 adolescentes mortos em centro socioeducativo na Paraíba”¹⁸ e é a única, das três que estamos estudando, que chega mais próximo a dar voz a diferentes personagens envolvidos na rebelião. O texto é assinado por Lauriceia Barros, em colaboração para a Folha em Lagoa Seca na Paraíba, e por João Pedro Pitombo, em Salvador. A presença de repórter, no local, é fundamental, mas não uma certeza, para a realização de uma matéria mais plural e humanizada – é o que vamos perceber, mais adiante, em comparação com outra notícia.

Nesta, as fontes são: o vice-diretor do Centro Socioeducativo Lar do Garoto Padre Otávio Santos, a Polícia Civil, a mãe e o pai de dois internos e o Tribunal de Justiça da Paraíba – este por meio de nota. A matéria é acompanhada de seis imagens de familiares dos internos e de equipes da Polícia Civil. O texto é descritivo, com parágrafos curtos que funcionam mais como pequenos blocos de informação, que fazem um relato do que foi possível saber sobre a rebelião. A matéria não é escrita como um texto em que os fatos são encadeados – como a Folha pretende em seu novo projeto editorial (FOLHA DE S.PAULO, 2017) – mas escrito quase em forma de tópicos. Ao final da matéria, existe um pequeno histórico das rebeliões com informações como: a causa, onde ocorreram, a data em que começaram, quantidade de mortos, feridos e foragidos.

A terceira e última matéria em que vamos entender como a pluralidade pode ser interpretada como mito (BARTHES, 2003) é “Dois morrem e 35 fogem de centro para jovem infrator no Grande Recife”¹⁹, do dia 5 de junho de 2017, é escrita por Kleber Nunes em colaboração para a Folha. Apesar de o repórter estar no local onde a rebelião aconteceu, não encontramos entrevistas com familiares dos internos, nem com especia-

¹⁸ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1889995-rebeliao-deixa-sete-adolescentes-mortos-na-paraiba.shtml> >. Acesso em: 05 jul. 2017.

¹⁹ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1890294-dois-morrem-e-34-fogem-de-centro-socioeducativo-no-grande-recife.shtml> >. Acesso em: 05 jul. 2017.

listas sobre o assunto. As fontes são: a assessoria de imprensa da Fundação de Atendimento Socioeducativo em Abreu e Lima (Funase), o Ministério Público de Pernambuco (ambos por meio de nota) e dois delegados da Central de Polícia de Campina Grande. Novamente, a Folha repete aquilo que busca combater há 30 anos: matérias presas em fontes oficiais (FOLHA DE S. PAULO, 1985).

Algumas questões que são comuns a todas as matérias que pesquisamos, é que nenhuma delas ouve estudiosos do sistema penitenciário brasileiro, como sociólogos, historiadores, assistentes sociais, psicólogos etc. Os textos de todas as matérias são bastante descritivos, funcionando como relatos superficiais dos acontecimentos (seria a objetividade buscada pela Folha? Porque essa abordagem não é nada complexa, não tece encadeamento dos fatos, apresenta uma racionalidade lógico-analítica (MEDINA, 2003) e coloca o repórter como num tipo de degrau que vê o fato “de cima” e de maneira distante). Os textos estão muito relacionados àquilo que Bourdieu (1997) e Lima (2002) entendem como a necessidade da objetividade para não perder fatias de mercado, leitores e anunciantes.

Mais uma crítica que podemos tecer é de que apesar de a Folha incluir nas matérias um pequeno histórico das rebeliões, por que não conversar com um especialista da sociedade civil sobre o assunto e colocar sua percepção nessa recapitulação do fato? Assim, os jornalistas estariam um pouco mais perto da tão perseguida pluralidade. Escutar familiares e cidadãos comuns que vão às penitenciárias regularmente, para visitar conhecidos, e que conhecem um pouco sobre a rotina desses locais também é uma chave fundamental para juntar pistas e montar o quebra-cabeça, sempre presente, dos fatos.

Considerações finais

Neste caminho muito curto, mas que era possível, de uma proposta de interpretação da objetividade e da pluralidade como mitos (BARTHES, 2003) no novo projeto editorial da Folha de S.Paulo, acreditamos que podemos, sim, manter esse olhar sobre o assunto. Também acreditamos contribuir para a discussão tão longa da possibilidade da objetividade e imparcialidade no jornalismo. A contribuição, aqui, é mais de uma nova perspectiva de entendê-la, porque concordamos que não é possível deixar visões de

mundo, bagagem cultural e social de lado ao abordar os acontecimentos que nos cercam no cotidiano.

De todas as características do mito para Barthes (2003), as que mais saltam aos olhos quando lemos as matérias da Folha sobre as rebeliões em penitenciárias no nordeste do país, são naturalizar, deformar sentidos e inocentar algo.

Sobre a pluralidade de vozes, entendemos que o tempo para os jornalistas escreverem suas matérias é cada vez mais curto. Mas já são quase 30 anos em que a Folha destaca a pluralidade como uma de suas principais características, mas continua extremamente dependente dos posicionamentos oficiais – um problema reconhecido pela própria Folha.

Apesar de todas essas considerações, o “comportamento” da Folha nada tem de novo quando pensamos que em 1997, Pierre Bourdieu já adiantava o modelo e as atitudes que o jornalismo contemporâneo vinha adotando, para conseguir se manter no mercado e não decepcionar leitores, ouvintes, telespectadores e, claro, anunciantes.

Referências

- ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BARROS, Lauriceia; PITOMBO, João Pedro. Rebelião deixa sete adolescentes mortos na Paraíba. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1889995-rebeliao-deixa-sete-adolescentes-mortos-na-paraiba.shtml> >. Acesso em: 05 jul. 2017.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Pensamento, 2007.
- ELIADE, Mircea. Mito do eterno retorno. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- FILHO, Clóvis de Barros. **Ética na comunicação**. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

FOLHA DE S.PAULO. A Folha depois da campanha diretas-já. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1984.shtml> >. Acesso: 12 jul. 2017

FOLHA DE S.PAULO. A Folha e alguns passos que é preciso dar. Disponível em: < <http://temas.folha.uol.com.br/projeto-editorial-da-folha/projetos-editoriais-anteriores/1981-a-folha-e-alguns-passos-que-e-preciso-dar.shtml> >. Acesso: 12 jul. 2017.

FOLHA DE S.PAULO. A Folha em busca da excelência. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1986.shtml> >. Acesso em: 12 jul. 2017.

FOLHA DE S.PAULO. A hora das reformas. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1988.shtml> >. Acesso: 12 jul. 2017

FOLHA DE S. PAULO. Caos da informação exige jornalismo mais seletivo, qualificado e didático. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1988.shtml> >. Acesso: 12 jul. 2017.

FOLHA DE S.PAULO. Complexo de pedrinhas no Maranhão tem fuga e morte de detentos no domingo. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1886231-complexo-de-pedrinhas-no-ma-tem-fuga-e-morte-de-detentos-no-domingo.shtml> >. Acesso em: 05 jul. 2017.

FOLHA DE S.PAULO. Linha editorial. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/institucional/linha_editorial.shtml >. Acesso: 10 jul. 2017.

FOLHA DE S.PAULO. Novos rumos. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/projeto-1985.shtml> >. Acesso: 12 jul. 2017

FOLHA DE S.PAULO. Oito décadas de história da Folha, do Brasil e do mundo. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/cronologia.shtml> >. Acesso: 10 jul. 2017.

FOLHA DE S. PAULO. Sua excelência, o consumidor de notícias. Disponível em: < <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2017/03/30/2/> >. Acesso em: 12 jul. 2017.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Técnicas de mascarar interesses (A prática da objetividade no jornalismo). In **Revista Comunicações e Artes**. São Paulo: USP, 1986).

KLAUTAU, Carolina et al. Nem opinativo nem diversional, interpretativo: o abraço entre antigo e novo na arte de tecer o presente. No prelo.

LAGE NETO, Gabriel. **Mito e comunicação**: a importância da mitologia e sua presença na mídia. São Paulo: Plêiade, 2010.

LIMA, Gerson Moreira. Jornalismo interpretativo: a alternativa para o dilema imposto pela mídia digital. 2002. 255 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, 2002.

MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente**: jornalismo interpretativo. São Paulo: Edição dos Autores, 1973.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente:** narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Notícia:** um produto à venda. São Paulo: Summus, 1988.

NUNES, Kléber. Dois morrem e 34 fogem de centro socioeducativo no grande Recife. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1890294-dois-morrem-e-34-fogem-de-centro-socioeducativo-no-grande-recife.shtml> >. Acesso em: 05 jul. 2017.